

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 22 de janeiro de 2020

Texto de referência: L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Deixar marcas na história do mundo, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, pp. 38-50.

- *Ballata dell'amore vero*
- *Give me Jesus*

Glória

Carrón: Quando alguém canta, como acabamos de escutar, “você pode ter todo o mundo, mas dê-me Jesus”, é um maluco? É algo que construiu com a própria cabeça? Que experiência o autor dessa música deve ter feito para dar-se conta de que até poderia ter o mundo inteiro, mas isto não seria suficiente para viver se não tivesse Jesus! “De manhã quando me levanto, dê-me Jesus”. Como é possível chegar a esta autoconsciência, a esta modalidade de se levantar de manhã surpreendendo-nos com este pensamento? É evidente: somente se acontece alguma coisa na nossa vida que nos torna tão familiar uma Presença a ponto de gerar um eu que não pode deixar de pensar n’Ele quando se levanta de manhã. Mas, para que isso aconteça, não basta “falar” do cristianismo como acontecimento, reduzindo-o a uma categoria abstrata – uma tentação à qual podemos cair muitas vezes. É preciso fazer experiência do cristianismo como acontecimento. É o que acontece com quem se apaixona, porque faz uma experiência tal que a sua vida é tomada! Como vimos nas páginas de *Deixar marcas* sobre as quais trabalhamos: “Para que O reconhecessem, Deus [o Mistério] entrou na vida do homem como homem [...] de modo que o pensamento, a capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como que ‘agarrados’, magnetizados por Ele”. O texto continua: “Esse encontro é o que polariza a nossa vida constantemente, é o que dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele, não há nenhuma outra fonte de consciência de novidade na vida”. É “uma diversidade que atrai” (pp. 34-35). Uma categoria abstrata não atrai como a presença da pessoa amada. A categoria “amor” não atrai como a pessoa amada!

Então, para poder entender realmente o que vamos trabalhar hoje – como nasce a fé, como a fé faz parte do acontecimento cristão – o acontecimento de Cristo deve se dar, caso contrário, a fé se torna algo que é acrescentado de fora, não nasce das nossas entranhas como resposta àquele acontecimento. Giussani fala de “impacto com uma diversidade irreduzível” e de uma “diversidade que atrai”. Com relação a isso, vou ler a contribuição de uma pessoa que mora longe e não pôde estar aqui esta noite:

“Neste último ano – como acontece com todas as mães e todos os pais – eu e meu marido experimentamos uma espécie de vertigem pelos nossos filhos, em particular vendo o mais velho, na passagem do ensino médio para a universidade, as amizades, etc. [um belo desafio]. Certa manhã, eu entrava tarde na escola e, falando com meu filho, a certa altura ele me disse: ‘Finalmente entendi que a questão não é se você faz isso ou aquilo, mas como faz aquilo que faz. Você, por exemplo, é uma pessoa tão certa que é capaz de fazer coisas que normalmente causariam constrangimento’ [para dizer isso deve ter visto com os próprios olhos, não foi a mãe que lhe disse]. Pensei em todos os pares de meia não encontrados [em todas as coisas em que falhava], no meu cozinhar mal aos domingos, quando quero causar boa impressão, no fato de eu fazer mil coisas entre o trabalho na escola e acompanhar os Colegiais. Ele me disse aquilo, e eu fiquei espantada. ‘Certa’ de quê? Que certeza exprime o modo como eu vivo? Não um discurso, certamente [não uma categoria]. Quando conversamos e caio no ‘discurso’, ele me interrompe imediatamente [graças a Deus ela tem um filho assim!]. Eu sou relação, certa de uma relação que evidentemente me torna livre do consenso ou da vergonha alheia. Entendi que realmente a única possibilidade que tenho não é ‘pré-ocupar-me’ com ele, mas viver aquilo que me torna livre, viver a fé dentro de tudo sem censurar nada [este é o bem da mãe para o filho: viver tudo sem censurar nada, a partir da fé], porque – embora não me dê conta – a minha satisfação incide mais do que as minhas preocupações. Viver a fé numa relação

com a autoridade, ou seja, seguindo alguém em quem o modo como vive mostra o que corresponde ao coração agora, neste mundo, com as perguntas que as circunstâncias escancaram [esta é a paternidade da qual falávamos na Jornada de Outubro]. Gostaria de lhe agradecer pela carta que escreveu à Fraternidade no dia 2 de janeiro que fala de uma mentalidade a que estou habituada na escola, na qual a prudência parece normalmente ser ditada pelo medo mais do que pela responsabilidade educativa. O olhar que a sua carta coloca na circunstância particular que vivemos recompõe o eu. A circunstância, verdadeiramente acolhida como condição não secundária da verificação da fé, educa a um olhar de verdade que nos lança em um relacionamento livre e verdadeiramente humano, pelo qual nos tornamos certos de que sem Cristo não podemos fazer nada, mas com Ele tudo é nosso!”.

O livro da Escola de Comunidade diz: “O que impressiona e move são pessoas, rostos, com uma identidade que parece mais verdadeira, mais correspondente ao coração, não determinada por toda a trama de fatores que compõem o clima social [que investe todos, mas livre] favorecido pelo poder e sofrido por todos” (p. 35). Parece nada, mas é tudo. Por quê? Porque nossa amiga documenta que, empenhada com as mesmas coisas de todos (ser mãe, ir à escola, as circunstâncias, os desafios), vive tudo de um modo diferente, tanto é verdade que até o filho percebe nela uma “diferença qualitativa”. Bastaria isto para verificar quantas vezes experimentamos o cristianismo como acontecimento: se vamos embora tocados pela diferença qualitativa que percebemos num fato, num encontro, numa pessoa. Quantas vezes falamos do acontecimento? Perdemos a conta! Mas quantos de nós foram embora tocados por um encontro feito? Aqui, os números da estatística caem, porque todos podemos falar do acontecimento como categoria, mas ser tocados diante de algo que acontece é outra história. Atenção, porém: não somos tocados porque acontece algo extraordinário. “A pessoa com quem nos deparamos torna-se ‘encontro’ quando a vemos empenhada de um modo ‘diferente’ – com uma diversidade que atrai – com as coisas comuns a todos, ou seja, quando, falando, comendo, bebendo, a pessoa torna perceptível e oferece à nossa existência uma diferença qualitativa, de tal modo que, quando a deixamos, vamos embora tocados pelo fato de comer e beber terem um significado absoluto e de uma palavra dita numa brincadeira ter um valor eterno”. Dom Giussani observa: “Quem sabe como deviam ficar profundamente impressionadas as pessoas que viam e ouviam Cristo!” (p. 36). Isto não foi possível apenas diante da pessoa física de Jesus durante sua existência terrena, depois de Jesus não “foi tudo por água abaixo”. Ainda há fatos que tocam do mesmo modo.

Colocação: *No dia 23 de dezembro último, o menor dos nossos três filhos fez dezoito anos e, para a ocasião, organizou uma festa em um local na nossa região convidando cerca de cinquenta de seus amigos da escola e do grupo dos Colegiais. Eu e minha esposa chegamos para cortar o bolo e fazer o brinde. Num determinado momento, os meninos começaram a cantar músicas “incomuns” para a idade deles acompanhados pelo violão de um amigo e, pouco depois, na praça em frente, um pequeno grupo começou a cantar cantos alpinos. Para mim, tudo bonito e normal.*

Carrón: Comum.

Colocação: *“Comum”, sim, eu já os tinha ouvido muitas vezes. No local havia algumas pessoas desconhecidas que, involuntariamente, participaram da festa. Num determinado momento, um deles, seguido por outros, veio até mim com o rosto perplexo dizendo com voz comovida: “Nunca vi uma coisa assim!”.*

Carrón: Estão vendo a diferença?

Colocação: *“É impressionante o modo como esses jovens estão juntos! Como vocês fizeram? Eu também gostaria muito que meus filhos vivessem assim!”.*

Carrón: Você fez algum treinamento especial para ser um pai assim?

Colocação: *Não, pelo contrário.*

Carrón: Frequentou algum curso teórico sobre afetividade, psicologia paterna ou algo do gênero, como muitos fazem hoje? De onde veio essa diversidade?

Colocação: *Que choque quando esse cara veio me dizer isso! Respondi que nós não fizemos nada e, em uma fração de segundo, senti no coração uma comoção imensa, percebi realmente como a presença de um Outro tinha entrado, dominadora, e tinha dado sentido àquela festa que antes era apenas “bonita” e se tinha tornado encontro com Cristo, totalizante, ali, naquele preciso instante. Quem não sabia nada “restaurou a visão” a quem, como eu, achava que já sabia “tudo”. Que maravilha! Disse à minha mulher: “Sem o ‘sim’ de Dom Giussani a Cristo, esta noite não teria acontecido e ninguém poderia ter experimentado esse modo de viver que gera estupor e inveja”. Obrigado também pelo seu “sim” que todos os dias nos ajuda a olhar tudo com mais verdade.*

Carrón: É impressionante: precisam vir os “pagãos”, como vemos no Evangelho, para nos fazer perceber aquilo que não vemos mais (porque nos habituamos, tudo tornou-se “normal”, já visto, comum). Uma festa. Fizemos mil delas, mas, na maioria das vezes, para nós, uma festa não é uma ocasião para tentar encontrar, para interceptar a ocorrência do acontecimento. É necessário alguém presente à festa que diga: “Nunca vi uma coisa assim!”, repetindo, sem saber, dois mil anos depois de Jesus, a frase do Evangelho que diziam diante d’Ele. Se estivermos atentos àquilo que acontece, poderemos entender verdadeiramente o título do ponto que estamos trabalhando: “A fé faz parte do acontecimento cristão” (p. 38). Por quê? Porque quando somos magnetizados, polarizados, impactados, tocados, podemos chegar a reconhecer, como fez aquela pessoa, uma diversidade, e podemos dizer, como você fez, que esta festa não poderia acontecer sem Cristo. A fé não nasce de uma elucubração mental. O que fez você fazer memória de Cristo não foi ir ao templo, dizer uma oração ou fazer abluções, mas uma festa. Como no tempo de Jesus: podia acontecer durante uma festa de casamento, podia acontecer em cima de um sicômoro, podia acontecer ao longo da estrada, numa via pública. É um acontecimento que se dá de modo imprevisto por meio de uma excepcionalidade que revela a Presença do divino. E se aquele cara que lhe disse aquelas coisas tivesse se deparado com Jesus, teria podido dizer – mas não como uma citação – que não O deixaria mais. Quantas vezes, nestes meses, nos aconteceu não querer deixar alguém que encontramos? Por isso, primeiro há o fato, a experiência do fato, e só depois podemos entender por que a fé faz parte do acontecimento; porque, se não participamos do acontecimento cristão, não podemos reconhecê-lo. A este ponto, podemos entender a definição: “A atitude de quem é tocado pelo acontecimento cristão, o reconhece e adere a ele chama-se ‘fé’” (p. 38).

Colocação: *Fomos estudar juntos, eu e alguns amigos, por uns dias, e tive uma conversa com um deles que me impressionou muito. Ele me contou que seu irmão é ateu. Quando conheceu o Movimento na universidade, este nosso amigo tentou levar ao irmão a vida que tinha conhecido. O fato é que voltando para casa nas férias de Natal, seu irmão lhe disse que queria ir à Missa. Ao que este amigo perguntou: “Como assim? O que aconteceu com você?”. “Ouvi um padre falar na universidade e tive desejo de ir à Missa”. E, depois, perguntou: “O que é o Movimento Comunhão e Libertação?”. Fiquei impressionado porque meu amigo contou que respondeu ao irmão começando por alguns princípios (o carisma de Dom Giussani, a Escola de Comunidade e todo o resto). Mas nenhum dos dois estava entendendo mais nada.*

Carrón: Estão vendo como voltamos às categorias abstratas? Deus faz acontecer algo e nós fazemos abstrações, explicamos a categoria!

Colocação: *De fato, a um certo ponto, seu irmão lhe disse: “Olha, não estou entendendo nada do que você está dizendo...”*

Carrón: Ainda bem que lhe disse!

Colocação: *“Mas vi como você e seus amigos estavam juntos quando vocês vieram tomar café aqui em casa neste verão”*

Carrón: Não foi preciso a explicação da categoria “acontecimento”, o irmão viu algo diferente na maneira de estarem juntos no café da manhã.

Colocação: *Então, se eu penso naquele café da manhã, tínhamos viajado durante toda a noite, portanto estávamos muito cansados, atordoados pela longa viagem, mal trocamos algumas*

palavras; não é que estávamos – como você sempre nos diz – em um momento de uma façanha ou na plenitude de nossas forças, no entanto ele viu em nós uma vida nova. Na conversa seguinte emergiu que, por um lado, é dramático o fato de que eu desejo que meu irmão, meu amigo, uma pessoa com quem me preocupo possa encontrar aquilo que eu encontrei; desejo que o outro possa encontrar Jesus. Porém, por outro lado, é libertador reconhecer que não sou eu que faço acontecer isso, e que Ele se serve de mim. Acontece através de mim, mas não sou eu, não é uma habilidade minha fazer com que aconteça. Naqueles dias de estudo isso foi realmente libertador para mim, quer dizer, fez com que eu recuperasse a graça que recebi através do encontro.

Carrón: Sobre o desejo de comunicar aos outros aquilo que você encontrou, o que aprendeu com o que nos contou? Como se comunica?

Colocação: *Se penso em...*

Carrón: Detenha-se àquilo que nos contou, não acrescente nada porque se equivocaria!

Colocação: *Não é uma explicação, mas uma amizade, uma vida em ato que se comunica.*

Carrón: “Uma vida em ato”. Comunica-se vivendo, comendo, bebendo, até tomando café meio sonolentos. A primeira coisa que os surpreendeu foi que aquele rapaz tivesse se impressionado com algo num momento em que vocês estavam parecendo *zumbis*. Até num momento assim pode acontecer algo – porque não interessa a Cristo como nos sentimos –. A única questão é se nós estamos tão imersos na experiência que nos gera que, a um certo ponto, a novidade se comunica, quase apesar de nós. O que passa aos outros não é o nosso desempenho, mas uma diversidade que – como vemos e como diz o texto, atenção! –, é algo diferente das nossas imagens, das nossas estratégias, mas, ao mesmo tempo, é “originalmente correspondente às expectativas profundas da nossa pessoa” (p. 38). Mas justamente porque é diferente das nossas imagens, porque se comunica de modo totalmente outro, diverso, diferente, somos desafiados. O que é preciso para estar disponíveis a essa diversidade? A coisa mais simples: a sinceridade. Não é necessário um desempenho ou quem sabe que estratégia; basta simplesmente deixar-se tocar por aquilo que acontece, “ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição para se apegar a uma Presença como essa, isso é a fé” (p. 39). É impressionante como Dom Giussani descreve a fé falando de uma coisa tão simples: a sinceridade.

Colocação: *No último sábado um amigo da minha Fraternidade organizou uma festa por ocasião dos seus 50 anos; e convidou todos os amigos que ao longo dos anos estiveram perto dele. No fim, éramos em grande número, cerca de cento e cinquenta pessoas. Entre os convidados havia um caríssimo amigo com o qual praticamente cresci, mas que há pelo menos dez anos abandonou o Movimento e, além disso, por motivos de trabalho, mora em outra cidade. As razões do seu afastamento da nossa experiência estavam ligadas principalmente a conflitos e incompreensões entre amigos da comunidade, que nunca foram sanados. Nas poucas vezes que o via, permanecia uma certa distância que me parecia insuperável. A festa não decorreu propriamente como eu tinha previsto. Um pouco desiludido, na própria noite, e na manhã seguinte, fiquei pensando naquele meu amigo que tinha vindo de longe para a ocasião: “O que terá visto durante e depois do jantar? Uma situação não ‘à altura’ da nossa experiência!”. Inesperadamente, dois dias depois, de manhã bem cedo, me telefonou. Queria exprimir sua gratidão profunda por aquela noite. Disse-me que durante estes anos procurou em muitos lugares um ambiente ou amigos à altura do seu desejo de plenitude, mas nunca encontrou e somente por estar conosco na outra noite deparou-se com o impacto de uma diversidade evidente e plena, que transparecia em cada gesto: à mesa conosco, nos cantos, no modo de servir os pratos, no modo de olhá-lo e de acolhê-lo novamente depois de tantos anos. E, no final, disse: “Preciso estar com vocês, gostaria de recomeçar; não quero voltar a perder certas relações. Não sei se Cristo tem a ver com tudo isso, mas realmente acredito que sim!”. Fiquei petrificado! Naquela noite, naquela tentativa pensada e organizada com as melhores das intenções e que, a meu ver, tinha se mostrado desajeitada em muitos aspectos e tinha me deixado um amargo na boca, para ele tinha reacontecido o Acontecimento! Dentro da nossa*

tentativa mais ou menos desajeitada revelou-se para ele a Graça e, enquanto me contava, também para mim! Graça que usa tudo para acontecer, até a nossa mísera tentativa. São necessários somente olhos desejosos e disponíveis para vê-la.

Carrón: Nossa tentativa desajeitada. No fundo, não sabemos fazer outra coisa a não ser tentativas desajeitadas, mas são justamente elas que o Mistério usa para comunicar uma diversidade. Damos o melhor de nós para fazer uma bela festa que, depois, talvez nos pareça não ter sido boa e alguém que poderia ser cético por ter se desiludido no passado – não alguém novo que ainda não sabia nada, puro, límpido, mas alguém com a crosta do já visto –, por causa da ferida que tem, vê aquilo que nós não vemos mais. O filho pródigo vê aquilo que o filho mais velho não vê mais; a história se repete! A ponto de afirmar: “Não sei se Cristo tem a ver com tudo isso, mas realmente acredito que sim!”. Como vocês veem, o reconhecimento de Cristo brota da experiência, até diante de uma tentativa desajeitada. Um fato como esse que você contou não poderia acontecer a não ser em virtude de algo de outro. Mas, às vezes, ao invés desta sinceridade (que qualquer um pode ter – mesmo quem foi embora há anos – porque não é preciso nenhuma predisposição particular), no cotidiano se introduz algo de estranho que nos impede olhar para as coisas com simplicidade.

Colocação: *Foi justamente isso que me impressionou. Lendo o texto da Escola de Comunidade percebi que Dom Giussani, quando fala da fé como acontecimento que nos implica, por seis vezes em uma página usa o termo “estranho”, indicando que nós introduzimos fatores estranhos que não têm a ver com o acontecimento e que nos fazem perder o contato com a realidade. Então, eu disse: “Por que ele insiste tanto, a ponto de repetir sempre a mesma palavra em uma página?”. E, olhando para a minha vida, reconheci que é verdade, a cada momento insiro fatores estranhos. E vieram-me em mente alguns exemplos: quando insiro fatores estranhos nos relacionamentos mais verdadeiros, eu os estrago; quando, pela manhã, penso no dia, se não parto daquilo que acontece e daquilo que me impressiona, complico a vida; quando conheço uma pessoa, se a reduzo àquilo que tenho em mente, a perco imediatamente. Então, disse a mim mesmo: “Dom Giussani tem razão, continuo inserindo fatores estranhos”. Mas esses fatores estranhos não desaparecem magicamente porque falo deles.*

Carrón: Não desaparecem pelo fato de nos darmos conta deles.

Colocação: *Exato. Até porque eu vejo todos eles. Então, percebi que a minha questão séria é outra, não é analisar esses fatores. Estou no Movimento há anos, mas isso não me basta para vencer os fatores estranhos de hoje.*

Carrón: Ainda bem, porque isso pelo menos o liberta do seu moralismo.

Colocação: *Pelo menos isso!*

Carrón: Infelizmente, muitos ainda têm a ilusão de que conseguem obter sucesso por causa do seu desempenho.

Colocação: *Exato. Percebi que tenho uma ansiedade em relação ao desempenho, assim como algumas vezes não confio na autoridade, outras penso que a minha ideia seja melhor do que a dos outros. Mas não é este o problema.*

Carrón: Já somos dois que pensam assim!

Colocação: *O problema é se decido fazer um trabalho sobre aquilo que Ele introduziu na minha vida. Aqui está a minha questão séria.*

Carrón: Que trabalho?

Colocação: *Levar a sério aquilo que Ele introduziu na minha vida, que é mais forte do que os meus fatores estranhos, do que as minhas incoerências e minhas incapacidades. Isso significa que há lugar para mim, mesmo eu sendo mau, mesmo sendo pecador, porque há sempre uma possibilidade para mim, mas preciso fazer um trabalho sobre aquilo que Ele introduziu na minha vida.*

Carrón: Alguém fez esse trabalho? Alguém se surpreendeu vendo Cristo vencer apesar de ter introduzido fatores estranhos à experiência?

Colocação: *No meu grupo de Escola de Comunidade uma amiga, mãe de um amigo nosso que está gravemente doente, se colocou dizendo que durante as férias seu irmão havia morrido inesperadamente. Poucos dias depois, também inesperadamente, seu filho recebeu alta do hospital. Ela viu-se vivendo ambas as circunstâncias (uma ruim e outra boa) do mesmo modo, quer dizer, como um chamado e, por isso, disse que sentia gratidão. Então uma amiga perguntou a ela: “Por que, diante da morte do seu irmão não censurou o Senhor?”. Ela respondeu: “Não posso censurá-lo porque a experiência que estou fazendo nestes meses com meu filho me ensina que nada nos pertence e que há um desígnio bom para todos. Não conseguiria olhar para as coisas sem pensar nisso”. Eu tinha chegado à Escola de Comunidade com uma ferida aberta – um fator estranho –, cuja causa eu atribuía a um fato doloroso para mim, e suas palavras me ofereciam a chave para enfrentá-la, diferente do que eu pensava, e davam uma concretude desarmante às palavras da Escola de Comunidade (as do sétimo ponto) que eu tinha lido, mas tinham ficado, de algum modo, “mudas”.*

Carrón: Isso é fundamental do ponto de vista do método, senão complicamos a vida tentando entender abstratamente as palavras da Escola de Comunidade, fazendo a cabeça girar no vazio ao invés de partir de um fato que facilita a compreensão daquilo que lemos.

Colocação: *De fato, aquela colocação esclarecia, para mim, a insistência de Dom Giussani sobre a posição “simples e sincera” diante do acontecimento, na qual não intervém nada “de alheio na relação com a realidade” (p.39) e que nos permite olhar para as coisas com simplicidade. Escutar aquela amiga me iluminou porque muitas vezes, diante de um fato que acontece, sobretudo se é um fato com o qual eu entro em conflito de algum modo, ou se é algo ruim, penso que o problema seja o fato e, portanto, fico brigando com o fato. Pelo contrário, o que ela disse me fez perceber que o problema não era o fato (no seu caso, a morte do irmão, portanto, uma coisa pesada), mas aquilo que o fato revelava da minha posição. Cito Dom Gius: “A posição em que estamos diante do acontecimento de Cristo é idêntica à de Zaqueu [...] [ou] da viúva” (p. 38). É diante do fato que tomo consciência da posição que tenho. Sobre o que se apoia a minha posição? Sobre a experiência de um amor. Dom Gius diz: “De fato, para poder conhecer é preciso ter uma posição de abertura, ou seja, de ‘amor’. Sem amor, não conhecemos” (p.40). Então, enquanto ela falava pensei em mim, e me dizia: “De onde vem a minha posição diante do que não compreendo, do que me causa dor, do que me faz mal?”.*

Carrón: Cada um deve se perguntar de onde ela vem. Porque, com essa pergunta, você entra em relação com todos.

Colocação: *A minha posição se apoia, ou não, sobre uma experiência de amor que vem antes, portanto, sobre um juízo. E aqui entendi: há uma posição anterior em mim que se apoia, ou não, na experiência que eu faço, no juízo daquele Amor, daquele Bem que tomou a minha vida. E quando eu não O considero, a raiva, a recriminação, o ressentimento turvam a minha visão e me impedem de ser, literalmente. Redescobrir que a consistência da minha vida baseia-se sobre um juízo que se joga em cada dobra da vida me abriu um horizonte que não podia imaginar. Aquela colocação, para mim, foi fundamental. Em primeiro lugar, me libertou do que me feria há tanto tempo, porque pude imediatamente olhar para aquilo e julgar e, depois, porque me permitiu começar a olhar os fatos que me acontecem, não importa a sua natureza, não como coisas a serem resolvidas, mas como aliados, porque me fazem o “favor” de revelar-me a posição que de fato tenho sobre o Amor que investiu a minha vida.*

Carrón: Isso é crucial: o problema não é o que acontece, mas a nossa posição em relação ao que acontece, porque se não temos a posição certa, não entendemos, diz o texto de Escola de Comunidade: “Em última instância, só a abertura viva ao objeto que se transforma em afeição permite que esse objeto nos toque pelo que é (*affici*, ser-tocado-por)”. Por que isso é crucial? Porque “o olho da razão vê [...] quando é sustentado pela afeição, que já é uma expressão da implicação da liberdade” (p. 40). É impressionante: nós podemos olhar verdadeiramente para a realidade somente quando somos de tal forma tomados por uma afeição que escancara o nosso olhar

de modo que não vemos só pelo buraco da fechadura. E se não conseguimos abrir os olhos para ver a realidade, para tentar sair de uma situação que nos fere, transformamos o cristianismo em um titanismo. Bastaria alargar o olhar e tudo se tornaria diferente porque apareceria a natureza do cristianismo: “A fé faz parte do acontecimento cristão porque faz parte da graça que o acontecimento representa” (p. 41). Sem o acontecimento eu não poderia ter o olhar alargado a toda a realidade. Fizemos experiência disso. Quando alguém se apaixona, a presença da pessoa amada escancara o olhar a tudo. Do mesmo modo, a presença de vocês, pais, escancara o olhar de seus filhos, e tudo se torna diferente. Este é o valor do fato que acontece: o acontecimento, diz Giussani, “exalta [...] a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca”, impedindo ao homem reduzi-la a uma medida sua. É assim que Cristo vence em nós. “Chama-se *graça da fé*” (*Educar é um risco*, São Paulo: Cia Ilimitada, 2019, p. 98). Ter esta abertura é uma graça. A fé faz com que eu possa ver. É muito simples: o irmão ateu vê algo diferente durante um café da manhã, o amigo que foi embora há anos vê a diversidade de uma festa e reconhece que ela tem a ver com Cristo. Não é preciso alguma capacidade particular, é preciso somente a simplicidade de aderir – este é o trabalho a ser feito – àquilo que acontece, sem substituí-lo por estratégias, expressões do nosso moralismo. Trata-se simplesmente de pedir, porque assim a fé alcança um ápice que vai além da razão. Lemos no texto da Escola de Comunidade: “A fé floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça a que o homem adere com sua liberdade” (p. 42). Todas essas frases pareceriam grego para nós, passaríamos por elas sem entender minimamente seu significado, se não partíssemos da experiência.

Mas, então, como essa flor de graça que é a fé desabrocha?

Colocação: *O ponto da Escola de Comunidade sobre o pedido – “O pedido, portanto, nasce diante de uma Presença; do contrário, não é um pedido razoável” (p. 44) – me tocou imediatamente. Pensei em uma coisa que aconteceu com um amigo pouco antes do Natal. Eu o conheci na universidade, estudávamos juntos para os exames, principalmente na sala usada pelo Movimento. Certa vez ele percebeu que a sala estava cheia de cartazes, de frases cristãs por toda a parte e me perguntou do que se tratava. Tornamo-nos muito amigos e certa vez o convidei para os Exercícios Espirituais do CLU [universitários de CL]. Ele foi, apresentei-lhe meus amigos e ele ficou muito impressionado. Depois, quando terminamos a universidade, durante um bom tempo, entre uma coisa e outra, não nos vimos mais. Pouco antes do Natal começou a me bombardear com mensagens pedindo para nos vermos. Escreveu: “Preciso te contar uma coisa absurda, não falei a respeito com praticamente ninguém, esperava poder conversar com você”. Então contou-me que uma moça que conhece bem tentou o suicídio. Até que a conversa se encaminhou para a pergunta: então, o que resiste? Conversamos um pouco, e ele me disse: “Olha, eu só sei que, assim que soube do fato, lembrei-me de você e da companhia do Movimento. Gostaria que ela conhecesse vocês”. O que significa que a pergunta só pode surgir diante de uma presença, caso contrário não é razoável? Significa que, por aquilo que viu e viveu comigo e com meus amigos, só podia fazer a mim a pergunta sobre o sentido do que tinha acontecido e sobre o que resiste quando as circunstâncias apertam. Esperou para fazê-la a mim não porque sou capaz, mas por causa daquela Presença que viu em mim e nas pessoas do Movimento, Presença que evidentemente entende que tem a ver com a sua necessidade. A segunda coisa que me impressionou é que me fez pensar no que me salva hoje. Porque quando ele me disse: “Pensei em você e na companhia do Movimento”, o meu instinto foi responder: “Olha, na verdade não sou nem eu, nem a companhia do Movimento que pode salvar a sua amiga”. Dei-me conta de um juízo que em mim é cada vez mais certo de que o que torna a companhia, a mim, os relacionamentos e todas as circunstâncias excepcionais, não são as coisas em si, mas a possibilidade dentro de todas essas coisas de poder dizer Tu. Sem este Tu até o Movimento seria, no fundo, um grande blefe: algo que faz sentir todo o seu calor humano, mas que, no fundo, não traz nenhuma novidade e, seguramente, não nos salva. É preciso chegar a*

dizer Tu, caso contrário tudo perde a consistência, e as coisas e os encontros passam sem deixar marcas. Isto, para mim, é a memória: que hoje, no encontro com as pessoas e nas coisas que me acontecem, posso reconhecer aquele Tu, que nasceu há dois mil anos, mas que está vivo ainda hoje.

Carrón: A dinâmica racional não pode não terminar no “Tu” – como você disse –, se a pessoa é leal com o impacto que provoca. “É preciso chegar a dizer Tu, senão tudo perde a consistência e as coisas, os encontros, passam sem deixar marcas”. É como se um filho pequeno, vendo todas as coisas que aquela mulher faz por ele, nunca dissesse: “Mãe”. Diz porque liga todas as coisas que lhe acontece, tudo o que aquela mulher faz, com a sua presença. Porque as coisas que a mãe faz passam, mas o que permanece é a sua presença, à qual o filho se liga cada vez mais. Se tudo o que acontece não é para o incremento da familiaridade com o Tu, se não chega até aí, não permanece a marca de nada, tudo desaparece. É preciso dar-se conta disso.

Colocação: *Na escola, a nossa diretora, que é do Movimento, está tentando fazer conosco um percurso sobre as três premissas do livro O senso religioso. Houve uma reunião de professores sobre a primeira das três premissas. Durante toda a manhã fiquei um pouco aflita porque meus colegas se lamentavam por esta reunião e eu tinha vergonha de dizer alguma coisa em defesa da minha história. Depois, a diretora chegou e começou, de repente, a nos fazer perguntas, com um rosto lindo, muito grata. Muito grata por ter encontrado Cristo na sua vida. Quando a vi assim, meu coração começou a bater a mil, como quando tenho algo para dizer e se não disser sou boba. Logo depois, de fato, contei uma coisa que tinha me acontecido no dia anterior na aula, da qual, depois, nasceu uma discussão com meus colegas. Uma discussão normal, mas finalmente eu me colocava, e era eu mesma. O que me impressionou foi a liberdade imprevista que senti, a ponto de contar sobre mim depois de ter passado toda a manhã me escondendo, e isto só porque a vi assim. O seu rosto mudado mudou o meu, sua tomada de consciência da sua história ajudou-me a tomar consciência da minha. O que mais me impressionou de tudo isso é que nas horas seguintes eu apaguei esse fato, como faço quase sempre, ou seja, eu o “ignorei”. Depois, à noite, uma amiga me enviou um e-mail contando sobre um trabalho que está fazendo. Eu o li horas depois porque tinha outras coisas para fazer e porque achava que não tinha nada a ver comigo. Depois, me escreveu uma mensagem, insistindo: “Leia meu e-mail”. Então, o li. Era sobre O Hobbit, de Tolkien e falava de duas posturas do personagem Bilbo Bolseiro: uma diante da realidade e outra diante dos próprios pensamentos. Quando li o e-mail, respondi imediatamente: “Foi exatamente o que me aconteceu hoje!”. Então eu lhe contei a história e, ao contar, tomei consciência do que tinha me acontecido. A coisa que mais me impressionou foi esta: que Tu, Jesus, não só aconteces enquanto eu sou mesquinha e me escondo, mas também me dá a graça de perceber que aconteceu! Porque, normalmente, Te “ignoro”.*

Carrón: Essa é a graça. Essa é a graça que Ele faz acontecer, porque senão nós passamos sem sequer nos darmos conta. Mas o encontro, como aquele que nossa amiga descreveu, é o início de um caminho. Alguém interceptou em si o início de um caminho?

Colocação: *No dia de venda da Revista Passos (por ocasião do mês missionário), fizemos turnos de venda da revista na faculdade. Quando terminei o meu turno, fui para a aula e coloquei uma Passos no banco porque, com a pressa, estava com tudo na mão. Inesperadamente o rapaz que estava sentado ao meu lado, curioso com o título, me perguntou se poderia dar uma olhada. Pensei: “Ele não conhece CL, tudo bem. Mas quando perceber que é uma revista cristã, com certeza vai jogá-la fora”. Depois de alguns dias o vi novamente e ele, ao contrário, perguntou se podia falar comigo. Contou-me sobre seu caminho de fé (veio da África, foi protestante, depois cético e, por fim, reconheceu, graças a alguns fatos, que Deus age na sua vida) e me fez perguntas difíceis que nasceram nele enquanto lia o texto da Jornada de Outubro (que estava na Passos que estávamos vendendo), fazendo um resumo preciso – enquanto eu não me lembrava sequer do que*

falava! –, contente por ter alguém com quem conversar a respeito, para caminhar junto. Fiquei comovida, porque minha tentativa tinha sido igual a zero – eu não queria vender Passos a ele – e esse encontro foi pura graça. O diálogo continuou nestes meses. Sua sinceridade e simplicidade na forma de fazer as perguntas me desarmaram. Por isso quis apresentar-lhe algumas pessoas da comunidade, Assim, na semana passada almocei com ele e um amigo meu. Também esse almoço foi impressionante, pela simplicidade com a qual fazia as perguntas e estava disponível para ouvir a minha experiência e a de meu amigo. Impressionou-nos porque, a certa altura, nos perguntou: “Como vocês fazem para ter fé? Por que são cristãos?”. Então falamos da nossa experiência e do encontro que nos aconteceu. Este fato me impressionou porque me fez entender, antes de mais nada, que a primeira coisa que deve acontecer é uma graça: não sou eu que produzo o acontecimento, é um Outro que emerge e avança, mesmo através de mim. Mas isso não basta, porque é realmente verdade que sem a liberdade que adere a esta presença excepcional, não há fé. No dia anterior, aquele meu amigo da comunidade nos contou que encontrou um rapaz para o almoço, por causa de uma vaga no apartamento, mas assim que disse que fazia parte de um movimento religioso o rapaz se levantou e foi embora, deixando meu amigo sozinho. Realmente é preciso um reconhecimento amoroso e a simplicidade de aderir a algo excepcional que acontece. As perguntas que surgiram no meu amigo de curso ao ler o texto da Jornada de Outubro, o relacionamento comigo, o almoço com esse outro amigo, são o início de um caminho, para ele e também para mim. De fato, no almoço nos disse que quer se tornar católico, que está fazendo um percurso para chegar ao Batismo, não logo, mas no seu tempo, porque tem muitas coisas para entender. Tinha uma postura de pedido verdadeiro, de busca. A certa altura perguntou-nos também se realmente acreditávamos, por exemplo, que Jesus tinha caminhado sobre as águas... Mas todas essas perguntas faziam-no olhar com simplicidade para o que tinha diante de si (nós, a Jornada de Outubro, alguns testemunhos publicados na Passos de novembro 2019), tentando, em todas as coisas, dar um passo no caminho da fé.

Carrón: Estes dois exemplos que estão dentro do que você contou nos fazem entender como a liberdade está sempre em jogo, também no momento mais bonito, extraordinário, no qual o rapaz africano é quase arrastado, mesmo quando parece que ela não esteja envolvida (como, às vezes, nós pensamos). Também a reação do outro rapaz, que assim que percebeu que seu amigo estava ligado a um movimento religioso, levantou-se e foi embora, implica a liberdade dele. Para quem se deixar tocar, abre-se um caminho. O encontro presente despertou no jovem africano o desejo, como ouvimos, de se tornar cristão, o fez começar um percurso para chegar ao Batismo, não imediatamente, mas no seu tempo, porque tem muitas coisas para entender. O que há para entender? O que significa entender? É uma urgência justíssima quando se quer dar um passo tão significativo como o de receber o Batismo. Este é o valor do último ponto da Escola de Comunidade (“Um fato no presente, um fato no passado”, p.46): a pessoa não pode fazer um encontro sem tentar entender sua origem. Onde um encontro presente afunda suas raízes? Aquele rapaz deve descobrir isso e, por isso, se interessa por Jesus. Mas o que tem a ver Jesus com o fato de ele ter encontrado você na universidade? Por isso, se não acontece em nós a passagem de um fato no presente a um fato no passado, voltará ciclicamente a fatídica pergunta – não no último chegado, mas em nós que estamos aqui –: depois de ter visto uma novidade na vida e todas as coisas extraordinárias que nos contamos nesses encontros, por que, no fim, devemos dizer “Jesus”? A questão de sempre! Dito em outros termos: o que tem a ver o que estou vivendo no presente com Jesus, um personagem de dois mil anos atrás? Por que aquele rapaz tem a exigência de se batizar? Como vocês veem, o último ponto do primeiro capítulo da Escola de Comunidade é crucial e se não nos damos conta continuaremos fazendo a mesma pergunta. O encontro é o início de um caminho que nos faz voltar à origem. Como Policarpo que, quando encontrou João, perguntou-se de onde nascia aquela diversidade e não pôde não chegar ao encontro de João com Jesus. Giussani diz que isso também vale para nós, agora, e para aquele rapaz: ele também tenta entender. São duas as direções que descrevem a dinâmica do acontecimento cristão, e nós devemos seguir ambas se queremos entender: um acontecimento do

passado se repropõe no presente com toda a sua excepcionalidade (esta é a natureza do acontecimento cristão, que não ficou no passado de dois mil anos atrás, como dizia uma das colocações); um acontecimento presente não pode ser explicado adequadamente a não ser através de um acontecimento do passado do qual é expressão agora. Com esta chave de compreensão podemos dar-nos conta do porque aquele rapaz, para chegar ao Batismo com plena consciência, deve começar a entender que o significado da vida está dentro de um acontecimento presente que tem toda uma história por trás e que tem seu ponto de origem naquele Jesus que nasceu da Virgem, do qual celebramos o nascimento no Natal, que morreu, ressuscitou e continua presente no meio de nós. Desse modo, não será incongruente e abstrato pedir o Batismo, pela descoberta de que a correspondência excepcional que está experimentando é possível só porque o Verbo se fez carne. Depois, terá todo o tempo da vida, como nós, para entender o que está descrito de modo belíssimo e sintético na frase de Laurentius eremita com a qual o capítulo termina: “Disseram-me: é preciso que tudo seja acolhido sem palavras e retido no silêncio; compreendi, então, que talvez passasse a minha vida inteira tomando consciência do que me havia acontecido. E a tua lembrança me enche de silêncio”.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 26 de fevereiro, às 21h00.

Neste mês começaremos o segundo capítulo de *Deixar marcas*, trabalhando o primeiro ponto, intitulado: 1. O ACONTECIMENTO PERMANECE NA HISTÓRIA MEDIANTE A COMPANHIA FORMADA PELOS QUE CREEM. Tentemos não dar um passo atrás, eliminando aquilo que dissemos até agora como se não tivesse a ver com a origem porque o ponto é justamente como a origem, o acontecimento inicial, permanece na história. E assim podemos entender por que, quando o vemos acontecer no presente, dizemos “Jesus”. Também trabalharemos sobre o segundo ponto, que tem como título: 2. A LEI GERADORA E DINÂMICA DA “COMPANHIA”: A ELEIÇÃO.

Banco Farmacêutico. Neste ano, por ocasião dos 20 anos do Banco Farmacêutico, o Dia de Coleta de Remédios durará uma semana inteira, de 4 a 10 de fevereiro (o dia principal será, de qualquer forma, sábado, 8 de fevereiro). A necessidade de estender a coleta para uma semana é devida à necessidade de responder ao contínuo crescimento da pobreza sanitária de famílias e pessoas que vivem em condições de indigência. Para que a iniciativa possa acontecer, precisamos de voluntários principalmente para o sábado, 8 de fevereiro. Vocês podem oferecer sua disponibilidade contactando o Banco Farmacêutico. É possível encontrar todas as informações no site do Banco.

Neste período, na Itália e no exterior, serão celebradas as Missas para lembrar o XXXVIII aniversário de reconhecimento pontifício da Fraternidade e o XV aniversário de morte de Dom Giussani. É um gesto de agradecimento, como escutamos em diversas colocações, porque teria sido impossível para nós dar-nos conta do que é a fé sem a graça concedida a Dom Giussani. Por isso, acho que temos muito a agradecer. É um dom precioso o que recebemos. As circunstâncias que estamos vivendo, muitas vezes dramáticas, nos fazem compreender cada vez mais o valor dessa graça.

Veni Sancte Spiritus.

Boa noite a todos.